

13. Deus passa através do humano

por Luigi Giussani*

Os primeiros que difundiram o cristianismo no mundo tinham, portanto, a clara consciência de que o divino resplandecia no mundo através do que eles diziam e faziam, mas, ao mesmo tempo, de que as suas palavras eram pobres, os seus gestos frágeis, as suas personalidades inadequadas, a sua condição humana mesquinha. Contudo, isto não os tornava condescendentes e resignados, antes se mantinham orgulhosamente na corrida, quotidianamente em luta, constantemente voltados para o dom da salvação.

De resto, não só as personagens através das quais Deus se comunica parecem modestamente humanas, como também na própria vida das primeiras comunidades cristãs nos é recordado que o encontro do homem com Deus – o aspeto supremo do problema da vida – e a participação no seu ser se realizam, em suma, numa circunstância que poderíamos chamar vulgar: uma ceia normalíssima, uma simples refeição comum, era o âmbito em que se produzia o envolvimento mais profundo e misterioso com o Senhor. A comunicação da vida divina com os seus dons passava através da assunção do pão e do vinho. A sensação de banalidade que o homem pode experimentar diante de semelhante prática não é indiferente; a pessoa pode revelar uma subtil resistência perante o método misterioso, que é todo de Deus, de querer passar por meio do humano (ao passo que o homem tende a classificar como divinos o seu pensar e o seu fazer!).

E mais: também a palavra que perdoa o pecado (e quem pode perdoar o pecado senão Deus?) é palavra de homem, passa através de uma miserável voz humana. «Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos.»¹

Assim, não é fácil perceber existencialmente que o problema da Igreja é precisamente este: Deus *quer* passar através da humanidade daqueles que tomou pelo Batismo.

Eis como Péguy exprime este inimaginável método de Deus:

«Milagre dos milagres, minha filha, mistério dos mistérios.
Porque Jesus Cristo se tornou nosso irmão carnal
Porque pronunciou temporalmente e carnalmente as palavras eternas,
In monte, na montanha,
É a nós, enfermos, que foi dado,
É de nós que depende, enfermos e carnis,

»

* Do livro de L. Giussani, *Porquê a Igreja*, Verbo, Lisboa 2004, pp. 165-168.

» Fazer viver e alimentar e manter vivas no tempo
Essas palavras pronunciadas vivas no tempo.
Mistério dos mistérios, esse privilégio foi-nos dado,
Este privilégio incrível, exorbitante,
Conservar vivas as palavras de vida,
Alimentar do nosso sangue, da nossa carne, do nosso coração
Palavras que sem nós recairiam descarnadas.
[...]
Ó miséria, ó felicidade, é de nós que depende,
Estremecimento de felicidade,
Nós que nada somos, nós que passamos na terra uns anos de nada,
Uns tantos pobres anos miseráveis,
(Nós almas imortais),
Ó perigo, perigo de morte, somos nós os encarregados, nós que nada podemos, nada somos,
que não estamos garantidos do amanhã,
Nem do próprio dia, nós que nascemos e morremos como criaturas de um dia,
Que passamos como mercenários,
Somos ainda nós que estamos encarregados,
Nós que pela manhã não estamos seguros da noite,
Nem sequer do meio-dia,
E que à noite não estamos seguros da manhã,
De amanhã de manhã,
É insensato, somos ainda nós que estamos encarregados, é unicamente de nós que depende
Assegurar às Palavras uma segunda eternidade
Eterna.
Uma perpetuidade singular:
É a nós que pertence, é de nós que depende
Assegurar às palavras
Uma perpetuidade eterna, uma perpetuidade carnal,
Uma perpetuidade alimentada de carne, de gordura e de sangue.
Nós que nada somos, que não duramos,
Que não duramos por assim dizer nada
(Na terra)
É insensato, somos nós ainda que estamos encarregados
De conservar e de alimentar eternas
Sobre a terra
As palavras ditas, a palavra de Deus».²

É preciso reparar que tudo quanto foi formulado até aqui – ou seja, que o fenómeno Igreja se caracteriza pelo divino, o qual decidiu utilizar o humano como método de comunicação de si mesmo – implica aceitar que o humano constitua parte imprescindível da definição de Igreja. É quase óbvio que isto parece absurdo, dado o limite humano, mas, se se reconhece que a Igreja se define assim, nenhuma objeção ao cristianismo poderá, numa linha lógica, tomar como motivo ou pretexto a desproporção, a inadequação ou o erro da realidade humana que forma a Igreja. Tal como, por seu turno, o homem cristão, se o é, não poderá usar como alibi os seus limites, ainda que esteja definido de antemão que os limites existirão: [...] o homem cristão, ao mesmo tempo que tende, todo ele, a pedir o bem ao Senhor, julga com sinceridade e dor a sua própria incapacidade, da qual, não obstante, Deus se serve. »

» [...] Se a Igreja é uma realidade humana, podem encontrar-se nela homens indignos, pais incapazes, filhos rebeldes, mentirosos, trapaceiros; e a lista pode prolongar-se também com base no longo rol de descrições de faltas graves que se encontram nos próprios documentos primitivos do cristianismo. Mas se alguém quer verificar a anunciada presença do divino nesta miséria humana não pode ficar-se pela constatação atónita e dizer: o divino não pode estar aqui. Terá de adotar outro critério porque nenhum tipo de miséria pode anular o carácter paradoxal do instrumento escolhido por Deus.

¹Gv 20,23.

²Ch. Péguy, *O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude*, Lisboa, Grifo, 1998, pp. 84-89.